

# Redes de mercenários na historiografia grega\*

*Mercenary networks in Greek historiography*

**Breno Battistin Sebastiani\*\***

**Resumo:** o presente texto examina passos-chave de historiadores gregos antigos em que são narradas a atuação de mercenários com base em redes de apoio que teriam constituído. Busca-se ressaltar outros elementos que tornavam a relação entre mercenários, arregimentadores e comunidades de origem ou recepção algo mais complexo do que tão somente uma relação de pagamento por serviço executado. Por fim, discutem-se duas consequências da atuação coordenada desses mercenários: de um lado, sua transformação em base de apoio de reserva; de outro, e talvez a consequência mais significativa, o perigo nem sempre somente latente que a presença desses mercenários em uma comunidade acarretava, sobretudo quando motivados a agir de modo concertado e dispondo de ocasiões para tanto.

**Abstract:** this text examines key steps from ancient Greek historians in which the actions of mercenaries are narrated from the perspective of the support networks they constituted. The aim is to highlight other elements that made the relationship between mercenaries, regimenters and communities of either origin or reception something more complex than just a relationship of payment for services performed. Finally, two consequences of the coordinated action of these mercenaries are discussed: on the one hand, their transformation into a reserve support base; on the other, and perhaps the most significant consequence, the danger that the presence of these mercenaries in a community entailed as something not always just latent, especially when they were motivated to act in a concerted manner and had opportunities to do so.

**Palavras-chave:**

redes;  
mercenários;  
migrantes;  
historiografia grega.

**Keywords:**

networks;  
mercenaries;  
migrants;  
Greek historiography.

---

Recebido em: 05/03/2025  
Aprovado em: 22/04/2025

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (304011/2022-3). Agradeço aos pareceristas a leitura acurada do manuscrito e todas sugestões de aprimoramento. Problemas remanescentes são naturalmente de minha exclusiva responsabilidade. A pesquisa que deu origem a este trabalho também se insere no projeto do Ministerio de Ciencia y Tecnología (España) PID2020-112790GB-I00 "Pobreza, marginación y ciudadanía en Atenas clásica. Procedimientos de marginalización e integración ciudadana de sectores liminales en el sistema democrático".

\*\* Historiador (USP), professor associado de Língua e Literatura Grega do DLCV/FFLCH/USP, investigador colaborador junto ao CECH da Universidade de Coimbra e bolsista PQ2-CNPq.

## Introdução

Um tipo de migrante motivado por razões econômicas muito presente ao longo de todo o Mediterrâneo principalmente a partir do século IV (mas não só: Tucídides refere os *ksénoi* mercenários que atuavam como remadores nas trirremes de Atenas – 1.121), são as milícias mercenárias (*misthophóroi*), cujas menções abundam em historiadores como Políbio e Diodoro. Em muitos casos, sua atuação coordenada resultou no que se poderia chamar de rede de apoio bem-sucedida. Mas quais seriam exatamente os elementos necessários ou suficientes para se poder afirmar o sucesso de uma rede de apoio? Por outras palavras, quais motivos políticos, econômicos, culturais ou mesmo antropológicos precisam estar combinados (ou não) para que uma dessas iniciativas possa ser dita bem-sucedida? Quais representações os historiadores gregos antigos produziram a respeito desses sucessos, e como tais sucessos impactaram (ou não) a vida das pólis em que se deram ou em torno das quais gravitaram? O que significou esse sucesso para os distintos indivíduos ou grupos migrantes envolvidos e quais práticas o fomentaram? Em que medida o sucesso de um grupo correspondeu ao fracasso de outros (por exemplo de cidades ou autoridades que repentinamente se vêem à mercê deles)? Essas são algumas das questões que servem de ponto de partida para a presente investigação, e foram motivadas sobretudo por trabalhos como os de Dougherty; Kurke (2003), Bayliss (2004), Trundle (2004), Luraghi (2006), English (2012), Bettalli (2013), Rollinger; Schnegg (2014), Isayev (2015, 2017), Del Hoyo; Sánchez (2018), Rop (2019) ou Leão; Sebastiani (2022).

A presente investigação responde, de modo bastante modesto, a um desafio lançado recentemente por Taylor e Vlassopoulos (2015, p. 1-7; 9-10), o de se tentar compreender a história grega, e por extensão as relações entre indivíduos na antiguidade grega, a partir não de modelos centrados na pólis e em sua estruturação sócio político econômica, mas nas múltiplas práticas e formas de conectividade que punham ricos e escravos, ou estrangeiros e cidadãos, por exemplo, lado a lado e, não raro, às margens do universo da pólis. No lugar de um modelo centrado na pólis, os autores propõem um outro, que enfatiza a construção de comunidades e redes de apoio. O que seria, então, uma rede de apoio, conceito do qual se serve o presente texto para estruturar a investigação? Segundo os autores,<sup>1</sup>

uma rede, em seu sentido básico, refere-se às relações entre pessoas ou coisas no interior e permeando fronteiras físicas, sociais ou temporais. Centra-se na

---

<sup>1</sup> Todas as traduções presentes neste texto são próprias. Todos os textos gregos utilizados como base para traduções decorrem das edições constantes no TLG.

conectividade ao invés do isolamento, na interação ao invés da separação. As redes podem ser vistas em abstração matemática ou como descrição metafórica. Em sua forma mais geral, a utilidade da ideia de rede está em que ela nos encoraja a reexaminar as estruturas sociais, a dismantelar os nossos modelos pré-existentes de sociedade (por exemplo, a pólis) e a pensar além das fronteiras que eles criam (Taylor; Vlassopoulos, 2015, p. 10).<sup>2</sup>

Uma grande vantagem da rede como ferramenta conceptual é que ela nos permite estudar processos e formas de interação que não têm fronteiras específicas e que não têm um centro de difusão dominante que controle as suas partes periféricas. Por outras palavras, as abordagens de rede permitem-nos estudar processos e formas de interação que atravessam fronteiras políticas, económicas e culturais, que não são controladas por um único indivíduo, grupo ou Estado, e que não assumem a forma de um modelo centro-periferia, mas envolvem fluxos diversos e multilaterais (Taylor; Vlassopoulos, 2015, p. 12).<sup>3</sup>

As palavras-chave dos passos, conectividade e interação, serviram de critério norteador para a seleção das passagens a serem examinadas a seguir e por meio dos quais se tentará demonstrar o interesse do emprego do conceito de redes para a compreensão das relações entre migrantes na antiguidade e, de modo específico, envolvendo um subgrupo desses migrantes formado pelos soldados mercenários, tão presente na historiografia porque abundantes ao longo do período clássico e helenístico.

As redes formadas por tais mercenários envolviam diversas camadas de complexidade, isto é, não eram limitadas ao circuito formado por aspiração de ganho (por parte dos soldados), busca de meios de pagamento (por parte de arregimentadores) e retorno à casa ou instalação em outro local (no caso de os soldados obterem recompensa em terras e não em dinheiro). Segundo Trundle,

Em primeiro lugar, a relação entre o empregador e o mercenário era principalmente de remuneração (Xen., *An.*, 1, 3, 9; Diod., 14, 81, 5). Mercenários por definição estão interessados nas recompensas tangíveis do serviço. Na realidade, as relações mercenárias no mundo grego antigo eram muito mais complexas. As discussões anteriores sobre os atrativos do serviço mercenário, remuneração e contratação ilustraram a importância de associações mais profundas dentro e fora das comunidades gregas na criação e manutenção de relações mercenárias. O benefício económico a curto prazo do serviço mercenário foi apenas um dos fatores de motivação para o serviço mercenário. Hierarquias se formaram no interior de comunidades mercenárias. Estas hierarquias refletiram o estatuto social que tinha as suas raízes no local de

---

<sup>2</sup> No original: a network, in its basic sense, refers to the relationships between people or things within and across physical, social, or temporal boundaries. It focuses on connectivity rather than isolation, interaction rather than separation. Networks can be viewed in mathematical abstraction or as metaphorical description. In its most general form the utility of the network idea is that it encourages us to re-examine social structures, to pull apart our pre-existing models of society (for example, the polis) and to think across the boundaries they create.

<sup>3</sup> No original: A major advantage of the network as a conceptual tool is that it allows us to study processes and forms of interaction which have no specified boundaries and which have no dominant centre of diffusion controlling its peripheral parts. In other words, network approaches allow us to study processes and forms of interaction that cut across political, economic, and cultural boundaries, which are not controlled by a single individual, group, or state, and that do not take the form of a centre-periphery model but involve diverse and multilateral flows.

origem dos mercenários. O dinheiro reforçou o estatuto de empregador, general e homens. Os generais recebiam dinheiro de seu empregador para os homens da base da cadeia.<sup>4</sup>

A presente investigação examinará alguns passos-chave da historiografia grega que permitam ressaltar outros elementos que tornavam a relação entre mercenários, arregimentadores e comunidades de origem ou recepção algo mais complexo do que tão somente uma relação de pagamento por serviço executado, o que não raro resultava em atitudes e percepções ambíguas sobre sua atuação.<sup>5</sup>

## Redes de mercenários

Por milícia mercenária e capitão de milícia entendemos algo que decorre dos próprios relatos antigos, em particular do de Políbio, conforme se lê no eloquente exemplo a seguir, relativo à atuação de Xantipo junto aos cartagineses (Polyb., 1, 32-36). O relato de Políbio (1, 32, 1) se inicia com a seguinte menção:

Por essa época navega para Cartago um certo arregimentador de mercenários, daqueles que anteriormente eram enviados à Grécia, trazendo muitos soldados, e entre eles um lacedemônio de nome Xantipo, educado à lacônica e experimentado na guerra.<sup>6</sup>

Note-se, de saída, a descrição de uma organização hierárquica: tais soldados estão arregimentados sob as ordens de alguém que coordenava sua atuação como coletividade – o *ksenólogos* – e, por extensão, de algum modo conferia caráter orgânico ao grupo que, uma vez desembarcado, desempenharia uma ação coordenada e específica, no caso atuando como mercenários junto aos cartagineses. Nos quatro parágrafos de Políbio na sequência, a informação mais importante a ser destacada é a presença, lado a lado, de

<sup>4</sup> No original: In the first instance, the relationship between the employer and the mercenary was principally one of remuneration (Xen., *An.*, 1, 3, 9; Diod., 14, 81, 5). Mercenaries, by definition, are interested in the tangible rewards of service. In reality, mercenary relationships in the ancient Greek world were far more complex. The previous discussions about the attractions to mercenary service, pay and hiring illustrated the importance of deeper associations inside and outside the Greek communities in creating and maintaining mercenary relationships. The short-term economic benefit of mercenary service was only one factor in the motivation for mercenary service. Hierarchies formed within mercenary communities. These hierarchies reflected social status that had its roots in the native state of the mercenaries. Money reinforced the status of employer, general and men. The generals received money from their employer for the men at the bottom of the chain (Trundle, 2004, p. 132).

<sup>5</sup> Sobre o caráter ambíguo tanto das percepções antigas sobre os mercenários quanto de suas próprias atitudes, isto é, porque ora retratados como frios e cruéis, ora como indivíduos que se tornaram respeitáveis graças precisamente a carreiras bem-sucedidas, ora, ainda, como simples força “neutra” a serviço do melhor pagador, cf. Bettalli (2013, p. 403-405).

<sup>6</sup> Περί δὲ τοὺς καιροὺς τούτους καταπλεῖ τις εἰς τὴν Καρχηδόνα ξενολόγος τῶν ἀπεσταλμένων εἰς τὴν Ἑλλάδα πρότερον [εἰς τὴν Καρχηδονίῳ], ἄγων στρατιώτας πλείστους, ἐν οἷς καὶ Ξάνθιππὸν τινα Λακεδαιμόνιον, ἄνδρα τῆς Λακωνικῆς ἀγωγῆς μετεσχικότα καὶ τριβὴν ἐν τοῖς πολεμικοῖς ἔχοντα σύμμετρον.

ao menos três tipos de representantes de três estratos sociais distintos e provenientes das mais diversas partes do Mediterrâneo, que não apenas conviviam e partilhavam interesses como dependiam mutuamente uns dos outros. Enquanto o *ksenólogos* atuava como intermediário entre a aristocracia político-militar e o contingente de soldados recrutados, é nítido o quanto os dois primeiros, intermediário e aristocracia, dependem intrinsecamente dos últimos, os soldados, para a própria existência e desempenho das próprias funções socioeconômicas. Embora não seja um relato específico sobre formas de exploração ou consciência do fato por parte dos explorados, o texto de Políbio documenta de modo singular tais interações e quase dá voz àqueles que formavam o sustentáculo dessa enorme pirâmide sociopolítica, indivíduos não raro sem vinculação direta com a formação nem com a composição de póleis ou impérios, mas tão somente empregados *ad hoc* e que se mantinham vagando de uma situação de conflito a outra a fim de ganhar a vida mediante o emprego da força organizada. É possível inferir que havia alguma consciência, por parte dos mercenários envolvidos, de que apenas atuando coletivamente eles conseguiriam auferir alguma forma de ganho e sustento, formando, assim, redes próprias.

Análoga consciência e análoga rede pode ser inferida de um *ksenólogos* bem conhecido por via do relato de Tucídides, ainda que formalmente não designado como tal<sup>7</sup>. Já no relato do historiador ateniense encontramos uma primeira exposição sobre como se dava essa atuação coordenada de mercenários e como era percebido, senão por seus arregimentadores, ao menos pelo historiador. No episódio do massacre de Micaleso (Th., 7, 29-30), os 1300 trácios chegados tardiamente a Atenas são entregues a Díitrefes, que por sua vez é encarregado de prejudicar os inimigos da cidade de qualquer maneira que conseguisse. Díitrefes passa imediatamente à obra, perpetrando uma série de razias e ataques, inclusive massacrando todos os alunos de uma escola infantil. Por trás do horror do episódio pode-se ler algo análogo ao que se encontra no trecho de Políbio discutido acima, isto é, que a atuação de mercenários conduzidos por alguém que, de modo análogo ao que teria feito um *ksenólogos*, refletia também uma forma de organização de redes de apoio fundada numa consciência comum que lhes garantia os próprios interesses. Díitrefes, note-se, tão somente atuou como *ksenólogos* sem ser de fato um, uma vez que tais soldados lhe foram atribuídos, isto é, não foram diretamente por ele arregimentados.

---

<sup>7</sup> Sobre a ambiguidade do vocabulário empregado por Tucídides para referir a personagem que estamos designando como “mercenário”, além de um elenco de passagens da obra que denotam esse caráter ambíguo, cf. Bettalli (2013, p. 52). No episódio do massacre de Micaleso, por exemplo, os mercenários trácios são introduzidos como Θρακῶν τῶν μαχηροφόρων ... πελτασταὶ (Th., 7, 27, 1), isto é, “tropas auxiliares de trácios portadores de sabre”.

Para se compreender qual a situação socioeconômica dos indivíduos que se alistavam como mercenários, quais seus anseios e expectativas ao desempenhar tal função, bem como quais riscos a iniciativa poderia, um capítulo de Xenofonte é por demais ilustrativo:

Acamparam na praia, à beira-mar, recusando-se a aquartelar-se no local que poderia se tornar uma cidade; parecia-lhes que o fato de terem vindo para este lugar era resultado de maquinações por parte de quem desejavam fundar uma cidade. Pois a maioria dos soldados partiu da Grécia para servir mediante pagamento não porque seus recursos fossem escassos, mas porque sabiam, por relatos, da excelência de Ciro. Alguns arrastaram outros homens com eles, alguns até gastaram dinheiro próprio no empreendimento, outros ainda abandonaram pais e mães, ou deixaram filhos para trás, com a ideia de conseguir dinheiro para trazer de volta para eles, tudo porque ouviram dizer que as outras pessoas que haviam servido a Ciro se deram muito bem. Sendo homens deste tipo, portanto, ansiavam por regressar em segurança à Grécia (Xen., *An.*, 6, 4, 7-8).<sup>8</sup>

O trecho demonstra claramente a posição socioeconômica desses mercenários: indivíduos que se poderia definir antes pelo que não são do que por uma característica específica, isto é, não são nem aristocratas ricos e terra-tenentes, nem escravos, nem pobres e totalmente despossuídos, mas detentores de certa quantia de recursos (οἱ δὲ καὶ προσανηλωκότες χρήματα) e suficientemente conscientes da própria situação a ponto de, motivados por redes de interesses mútuos, estimularem-se mutuamente (οἱ μὲν καὶ ἄνδρας ἄγοντες) a tomar parte em tais iniciativas. São aqueles que aspiram a amealhar algum pecúlio para então retornar (ὥς χρήματ' αὐτοῖς κτησάμενοι ἥξοντες πάλιν), possivelmente depois de tirar a grande sorte (πολλὰ καὶ ἀγαθὰ πράττειν). Trundle enfatiza o tipo de rede paradigmático articulado por esses mercenários:

amizades no interior da cidade formavam a base das relações patrono-cliente. Homens poderosos cuidavam dos interesses dos fracos. Foi precisamente este tipo de relação que permitiu aos ricos trazer consigo homens das suas próprias comunidades para o serviço militar no exterior. Como vimos, redes baseadas em relacionamentos anteriores formados dentro de suas comunidades nativas uniram exércitos mercenários (e.g., Xen., *An.*, 6, 4, 8).<sup>9</sup>

<sup>8</sup> ἐσκήνουν δ' ἐν τῷ αἰγιαλῷ πρὸς τῇ θαλάττῃ· εἰς δὲ τὸ πόλισμα ἂν γενόμενον οὐκ ἐβούλοντο στρατοπεδεύεσθαι, ἀλλὰ ἐδόκει καὶ τὸ ἐλθεῖν ἐνταῦθα ἐξ ἐπιβουλῆς εἶναι, βουλομένων τινῶν κατοικίσαι πόλιν. τῶν γὰρ στρατιωτῶν οἱ πλείστοι ἦσαν οὐ σπάνει βίου ἐκπεπλευκότες ἐπὶ ταύτην τὴν μισθοφοράν, ἀλλὰ τὴν Κύρου ἀρετὴν ἀκούοντες, οἱ μὲν καὶ ἄνδρας ἄγοντες, οἱ δὲ καὶ προσανηλωκότες χρήματα, καὶ τούτων ἕτεροι ἀποδεδρακότες πατέρας καὶ μητέρας, οἱ δὲ καὶ τέκνα καταλιπόντες ὥς χρήματ' αὐτοῖς κτησάμενοι ἥξοντες πάλιν, ἀκούοντες καὶ τοὺς ἄλλους τοὺς παρὰ Κύρῳ πολλὰ καὶ ἀγαθὰ πράττειν. τοιοῦτοι ὄντες ἐπόθουν εἰς τὴν Ἑλλάδα σῶζεσθαι.

<sup>9</sup> No original: friendships within the city were the basis of patron-client relationships. Powerful men looked after the interests of the weak. It was just this kind of relationship that enabled the wealthy to bring men with them from within their own communities for military service overseas. As we have seen, networks based on earlier relationships formed within their native communities brought mercenary armies together (e.g. Xen., *An.*, 6, 4, 8) (Trundle, 2004, p. 160).

Em outra obra do mesmo Xenofonte lê-se outro passo significativo, agora descrevendo as iniciativas de um indivíduo, Licomedes de Mantinéia, que soube se fazer poderoso com base na rede de apoio que organizou fundamentada nas expectativas dos indivíduos que arregimentou:

Apareceu um certo Licomedes de Mantinéia, homem inferior a nenhum outro por nascimento, pela proeminência em riquezas e, além disso, ambicioso. Ele encheu os árcades de confiança, dizendo que o Peloponeso era pátria somente para eles, uma vez que eram a única linhagem autóctone que ali habitava, e que o povo árcade era o mais numeroso de todos os povos gregos e tinha os corpos mais vigorosos. Ele também demonstrou que eles eram os mais bravos, alegando como prova o fato de que sempre que alguém necessitava de milícias auxiliares, não optava por ninguém antes dos árcades. Além disso, os lacedemônios nunca haviam invadido o território de Atenas sem a ajuda deles, nem os tebanos atualmente haviam chegado à Lacedemônia sem a ajuda dos árcades. “Se pensarem bem, vocês não mais seguirão para onde quer que alguém os convoque; pois antigamente, ao acompanhar os lacedemônios, vocês os fizeram grandes, e agora, se seguirem os tebanos descuidadamente, sem pretender desfrutar da liderança alternadamente com eles, talvez em breve vocês terão neles outros lacedemônios”. Ao ouvir essas palavras, os árcades imparam de orgulho e passaram a venerar Licomedes, julgando que só ele fosse homem de verdade, de modo que indicaram como líderes aqueles que ele os instruiu a indicar. Os árcades, ainda, ficaram exaltados também por outras realizações, pois quando os argivos invadiram Epidauro e sua saída foi barrada pelos mercenários comandados por Cábrias, pelos atenienses e pelos coríntios, foram eles em socorro e libertaram os argivos de um bloqueio absoluto, embora tivessem não apenas os adversários, mas também o território por inimigo. Eles também fizeram uma expedição a Asine, na Lacônia, derrotaram a guarnição dos Lacedemônios, mataram o comandante espartano Gerânor, e saquearam os subúrbios dos asineus. E sempre que desejavam partir em marcha, nem a noite, nem o mau tempo, nem a extensão da viagem, nem as montanhas difíceis os impediam, de modo que naquela época eles se consideravam os mais fortes dos gregos (Xen., *Hell.*, 7, 1, 23-25).<sup>10</sup>

A passagem é por demais eloquente e instrutiva.<sup>11</sup> Um indivíduo rico, nobre e ambicioso instrumentaliza emoções latentes e difusas de modo a forjar uma milícia

<sup>10</sup> ἐγγενόμενος δέ τις Λυκομήδης Μαντινεύς, γένει τε οὐδενὸς ἐνδεὲς χρήμασί τε προήκων καὶ ἄλλως φιλότιμος, οὗτος ἐνέπλησε φρονήματος τοὺς Ἀρκάδας, λέγων ὡς μόνοις μὲν αὐτοῖς πατρίς Πελοπόννησος εἴη, μόνοι γὰρ αὐτόχθονες ἐν αὐτῇ οἰκοῖεν, πλείστον δὲ τῶν Ἑλληνικῶν φύλων τὸ Ἀρκαδικὸν εἶη καὶ σώματα ἐγκρατέστατα ἔχοι. καὶ ἀλκιμωτάτους δὲ αὐτοὺς ἀπεδείκνυε, τεκμήρια παρεχόμενος ὡς ἐπικούρων ὅποτε δεηθεῖεν τινες, οὐδένας ἡρῶντο ἀντ' Ἀρκάδων. ἔτι δὲ οὔτε Λακεδαιμονίους πώποτε ἄνευ σφῶν ἐμβαλεῖν εἰς τὰς Ἀθήνας οὔτε νῦν Θηβαίους ἐλθεῖν ἄνευ Ἀρκάδων εἰς Λακεδαίμονα. ἐὰν οὖν σωφρονῇτε, τοῦ ἀκολουθεῖν ὅποι ἂν τις παρακαλῇ φείσεσθε· ὡς πρότερόν τε Λακεδαιμονίοις ἀκολουθοῦντες ἐκείνους ἠυξήσατε, νῦν δὲ ἂν Θηβαίοις εἰκῇ ἀκολουθῇτε καὶ μὴ κατὰ μέρος ἡγεῖσθαι ἀξιῶτε, ἴσως τάχα τοὺτους ἄλλους Λακεδαιμονίους εὐρήσετε. οἱ μὲν δὲ Ἀρκάδες ταῦτα ἀκούσαντες ἀνεφυσῶντό τε καὶ ὑπερεφίλουσιν τὸν Λυκομήδην καὶ μόνον ἄνδρα ἡγούντο· ὥστε ἄρχοντας ἔταπτον οὓσιν αὐτοὶ ἐκείνος κελεύει. καὶ ἐκ τῶν συμβαινόντων δὲ ἔργων ἐμεγαλύνοντο οἱ Ἀρκάδες· ἐμβαλόντων μὲν γὰρ εἰς Ἐπίδauρον τῶν Ἀργείων, καὶ ἀποκλεισθέντων τῆς ἐξόδου ὑπὸ τε τῶν μετὰ Χαβρίου ξένων καὶ Ἀθηναίων καὶ Κορινθίων, βοηθήσαντες μάλα πολιορκουμένους ἐξελύσαντο τοὺς Ἀργεῖους, οὐ μόνον τοῖς ἀνδράσιν, ἀλλὰ καὶ τοῖς χωρίοις πολεμίοις χρώμενοι· στρατευσάμενοι δὲ καὶ εἰς Ἀσίνην τῆς Λακαίνης ἐνίκησάν τε τὴν τῶν Λακεδαιμονίων φρουράν καὶ τὸν Γεράνορα τὸν Σπαρτιάτην πολέμαρχον γεγεννημένον ἀπέκτειναν καὶ τὸ προάστιον τῶν Ἀσιναίων ἐπόρθησαν. ὅπου δὲ βουλευθεῖεν ἐξελθεῖν, οὐ νύξ, οὐ χεῖμων, οὐ μήκος ὁδοῦ, οὐκ ὅρη δύσβατα ἀπεκώλυεν αὐτούς· ὥστε ἐν γε ἐκείνῳ τῷ χρόνῳ πολὺ ὦντο κράτιστοι εἶναι.

<sup>11</sup> Sobre o discurso de Licomedes, cf. Trundle (2004, p. 54) e Bettalli (2013, p. 407-408): “Questo discorso (Xen., *Ell.*, VII

armada para próprio benefício. Insuflando o orgulho de seus concidadãos, mexendo com seus brios mais profundos, ganha-lhes a confiança a ponto de fanatizá-los, operação com consequências práticas imediatas: os que agora o veneram aceitam por isso mesmo indicar como comandantes precisamente aqueles que ele próprio havia previamente escolhido. Licomedes, por outras palavras, canalizou anseios até então desconexos e não orientados diretamente para a consecução de seus próprios objetivos políticos e econômicos, assim forjando uma rede em que a bajulação dos liderados, com eventual distribuição de pequenos benefícios, resultou em enorme vantagem para o já proeminente controlador do núcleo dessa rede.

O emprego de mercenários para atuar coletivamente para a proteção de um tirano ou de uma pólis era algo dado como natural e corriqueiro ao menos desde Xenofonte (*Hier.*, 10), que apresenta o poeta Simônides aconselhando Hierão sobre como empregar *misthophóroi* e *doryphóroi* de modo o mais eficiente tanto para sua proteção pessoal quanto para a de toda a comunidade que eventualmente viesse a governar. Quase como num prosseguimento natural dessa linha de raciocínio, lê-se em Políbio uma descrição explícita do papel coletivo desempenhado por tais indivíduos e sua importância para a existência de organizações coletivas na antiguidade tanto de caráter democrático quanto tirânico:

Após algum tempo, os mercenários do tirano prevaleceram por seu número e destreza superiores, pois eram bem treinados. Isto é geralmente, via de regra, o que costuma ocorrer: assim como as massas nas democracias são mais propensas a desencadear conflitos do que os súditos de um tirano, na mesma medida os estrangeiros de um déspota provavelmente superarão os mercenários arregimentados por democracias. Se, no primeiro caso, uns se arriscam pela liberdade e os demais por conta da escravidão, do mesmo modo, no caso dos mercenários, os primeiros se empenham por melhorar a própria situação, e os demais para evidente prejuízo próprio. Pois uma democracia, tão logo elimina os conspiradores, não mais mantém a própria liberdade com mercenários; uma tirania, porém, quanto mais ambiciona, tanto mais necessita de mercenários, pois como comete crimes contra muitos, se vê às voltas com muitos conspiradores. Daí que a segurança dos déspotas depende inteiramente da boa vontade e da força de estrangeiros (Polyb., 11, 13, 3-8).<sup>12</sup>

1, 23-24) è un capolavoro”.

<sup>12</sup> χρόνου δὲ γινόμενου κατῖσχυον καὶ τῷ πλήθει καὶ ταῖς εὐχειρίαις διὰ τὴν ἔξιν οἱ παρὰ τοῦ τυράννου μισθοφόροι. τοῦτο δ' εἰκότως καὶ τὸ παράπαν εἴωθε γίνεσθαι. ὅσω γὰρ συμβαίνει τοὺς ἐν ταῖς δημοκρατίαις ὄχλους προθυμότερους ὑπάρχειν ἐν τοῖς πολεμικοῖς ἀγῶσι τῶν τοῖς τυράννοις πολιτικῶν ὑποταττομένων, τοσοῦτω τὰ παρὰ τοῖς μονάρχοις ξενικὰ τῶν ἐν ταῖς δημοκρατίαις μισθοφορούντων εἰκὸς ὑπεράγειν καὶ διαφέρειν. ὥσπερ γὰρ ἐπ' ἐκείνων οἷς μὲν ὑπὲρ ἐλευθερίας ἐστίν, οἷς δ' ὑπὲρ δουλείας ὁ κίνδυνος, οὕτως ἐπὶ τῶν μισθοφόρων οἷς μὲν ὑπὲρ ὁμολογουμένης ἐπανορθώσεως, (οἷς δ') ὑπὲρ προδήλου βλάβης γίνεται φιλοτιμία. δημοκρατία μὲν γάρ, ἐπανελομένη τοὺς ἐπιβουλεύσαντας, οὐκέτι μισθοφόροις τηρεῖ τὴν ἑαυτῆς ἐλευθερίαν· τυραννὶς δ' ὅσω μειζόνων ἐφίεται, τοσοῦτω πλείονων προσδεῖται μισθοφόρων. πλείονας γὰρ ἀδικοῦσα πλείονας ἔχει καὶ τοὺς ἐπιβουλεύοντας. ἡ δὲ τῶν μονάρχων ἀσφάλεια τὸ παράπαν ἐν τῇ τῶν ξένων εὐνοίᾳ κεῖται καὶ δυνάμει.



A sagacidade da análise de Políbio, tão refinada quanto condensada quase que numa sucessão de aforismos, não é apenas fruto de observação perspicaz por parte de um ex-dirigente da Liga Aqueia profundamente familiarizado com a esfera militar e diplomática das intrincadas relações sociopolíticas no mundo helenístico. Antes, um exame assim tão contundente indicia o modo de agir coletivo, organizado e consciente dos próprios poderes e limites por parte dos mercenários estrangeiros objeto do escrutínio do historiador. Por outras palavras, tal percepção reflete a existência de redes próprias formadas por tais indivíduos e grupos e fundamentada no poder que detinham tanto para a manutenção de tiranias quanto para a destruição de democracias – note-se a ambiguidade, incisivamente irônica no original, da constatação de que “uma democracia, tão logo elimina os conspiradores, não mais mantém a própria liberdade com mercenários”.

Em Diodoro, é paradigmático o relato que envolve as atitudes de Dionísio I de Siracusa. O historiador reporta que Dionísio teria persuadido, em 405, os cidadãos de Entela a acolherem mercenários campânios como *sýnoikoi* (Diod. Sic., 14, 9, 9); teria repovoado a Campânia com mercenários (Diod. Sic., 14, 15, 3), assim como Leontini, após vencer os cartagineses em 396 (Diod. Sic., 14, 78, 1-3); e teria estabelecido seus próprios mercenários em Tauromênio em 392 no lugar dos sícelos (Diod. Sic., 14, 96, 4)<sup>13</sup>. Dessa sequência de atitudes é particularmente instrutivo o sucedido após a vitória sobre os cartagineses:

Percebendo que os mercenários se lhe mostravam muito hostis, e temendo que pudessem depô-lo, primeiro Dionísio prendeu Aristóteles, seu comandante. Em seguida, quando a multidão, armada e enfurecida, correu a exigir pagamento, Dionísio declarou que estava enviando Aristóteles à Lacedemônia para ser julgado por seus concidadãos, e ofereceu aos mercenários, que totalizavam cerca de dez mil, ao invés de pagamento, a cidade e o território dos Leontinos. Eles concordaram de bom grado, porque a terra era boa e, depois de reparti-la em lotes, estabeleceram-se em Leontini. Dionísio então recrutou outros mercenários e confiou o governo a eles e a seus serviçais libertos (Diod. Sic., 14, 78, 1-3).<sup>14</sup>

O parágrafo é particularmente eloquente não apenas pelo vocabulário empregado, que conota com notável clareza a existência e os *modi operandi* de mercenários e seus

<sup>13</sup> Sobre a trajetória de Dionísio I cf. Trundle (2004, p. 84, 107; 156-157), Bettalli (2013, p. 338-345), e Garland (2014, p. 70).

<sup>14</sup> Διονύσιος δὲ θεωρῶν τοὺς μισθοφόρους ἀλλοτριώτατα πρὸς αὐτὸν ἔχοντας, καὶ φοβούμενος μὴ διὰ τούτων καταλυθῇ, τὸ μὲν πρῶτον Ἀριστοτέλην τὸν ἀφηγοῦμενον αὐτῶν συνέλαβε, μετὰ δὲ ταῦτα τοῦ πλήθους συντρέχοντος μετὰ τῶν ὀπλῶν καὶ τοὺς μισθοὺς πικρότερον ἀπαιτούντων, τὸν μὲν Ἀριστοτέλην ἔφησεν ἀποστέλλειν εἰς Λακεδαίμονα κρίσιν ἐν τοῖς ἰδίῳι πολίταις ὑφέξοντα, τοῖς δὲ μισθοφόροις ὡς μυρίοις οὔσι τὸν ἀριθμὸν ἔδωκεν ἐν τοῖς μισθοῖς τὴν τῶν Λεοντίνων πόλιν τε καὶ χώραν. ἀσμένως δ' αὐτῶν ὑπακουσάντων διὰ τὸ κάλλος τῆς χώρας, οὗτοι μὲν κατακληρουχήσαντες ὥκουν ἐν Λεοντίνῳι, ὃ δὲ Διονύσιος ἄλλους μισθοφόρους ξενολογήσας, τούτοις τε καὶ τοῖς ἡλευθερωμένοις οἰκέταις ἐνεπίστευσε τὴν ἀρχήν.

arregimentadores no mundo helenístico. Mais do que isso, essa passagem apresenta Dionísio explicitamente como um *ksenológos* ou capitão de milícias mercenárias que, por meio das próprias iniciativas e planos, se faz tirano conferindo organicidade e identidade a seus subordinados. Por extensão, com base no talento com que consegue conter movimentos adversos e ampliar o número de assentamentos que promove, amplia automaticamente a rede de apoio formada pelos ex-combatentes que nutrem por ele diversas formas de dívida de gratidão e lealdade.

Além do caso paradigmático de Dionísio, que se faz tirano em razão mesmo de ter sabido organizar uma rede de apoio fundamentada em seus próprios mercenários, em Diodoro encontram-se também outras ocorrências que permitem análogas inferências. O relato sobre uma sedição promovida por antigos mercenários de Gelão em 485 é particularmente instrutivo:

Quanto a todas as magistraturas, propuseram atribuí-las aos cidadãos originários, considerando que não seria adequado permitir que os estrangeiros admitidos à cidadania sob Gelão tomassem parte nesses cargos, fosse porque os consideravam indignos, fosse porque suspeitavam de que homens crescidos sob uma tirania, e que haviam servido na guerra sob um monarca, pudessem tentar uma revolução. E foi isso o que realmente aconteceu, pois Gelão havia registrado como cidadãos mais de dez mil mercenários estrangeiros, e destes restavam na época em questão mais de sete mil. Esses estrangeiros se ressentiram por terem sido excluídos da atribuição de magistraturas e, de comum acordo, revoltaram-se contra os siracusanos, e tomaram na cidade tanto Acradina como a Ilha, tendo ambos os locais fortificações bem construídas (Diod. Sic., 11, 72, 3-73, 1).<sup>15</sup>

Ante um conflito por magistraturas que opõe dois grupos claramente delimitados dentro de Siracusa, o dos cidadãos originários (ἀρχαίοις πολίταις) e o dos estrangeiros registrados como cidadãos (Γέλωνος πλείονας τῶν μυρίων πολιτογραφήσαντος ξένους μισθοφόρους), estes, assim como os primeiros, que tentam excluí-los da atribuição, também agem coletivamente: a menção a terem feito algo “de comum acordo” (συμφρονήσαντες) denota, inequivocamente, a existência de uma rede de apoio, ainda que transitória e motivada por uma conjuntura pontual, a coordenar as iniciativas desse grupo. Com relação à importância atribuída já na Antiguidade aos acontecimentos em Siracusa, encontra-se em Aristóteles (*Pol.*, 1303a38-b2) uma precisa referência a tais acontecimentos e que, embora indireta, porque derivada seguramente de textos

<sup>15</sup> τὰς δὲ ἀρχὰς ἀπάσας τοῖς ἀρχαίοις πολίταις ἀπένεμον· τοὺς δὲ ξένους τοὺς ἐπὶ τοῦ Γέλωνος πολιτευθέντας οὐκ ἤξιον μετέχειν ταύτης τῆς τιμῆς, εἴτε οὐκ ἄξιους κρίναντες, εἴτε καὶ ἀπιστοῦντες μήποτε συντετραμμένοι τυραννίδι καὶ μονάρῳ συνεστρατευμένοι νεωτερίζειν ἐπιχειρήσωσιν· ὅπερ καὶ συνέβη γενέσθαι. τοῦ γὰρ Γέλωνος πλείονας τῶν μυρίων πολιτογραφήσαντος ξένους μισθοφόρους, ἐκ τούτων περιελείποντο πλείους τῶν ἐπτακισχιλίων κατὰ τοὺς ὑποκειμένους καιροὺς. οὗτοι τῆς ἐκ τῶν ἀρχαιρεσιῶν τιμῆς ἀπελαυνόμενοι χαλεπῶς ἔφερον, καὶ συμφρονήσαντες ἀπέστησαν τῶν Συρακοσίων, καὶ τῆς πόλεως κατελάβοντο τὴν τε Ἀκραδινὴν καὶ τὴν Νῆσον, ἀμφοτέρων τῶν τόπων τούτων ἔχόντων ἴδιον τεῖχος καλῶς κατεσκευασμένον. Sobre a trajetória de Gelão cf. Bettalli (2013, p. 322-325).

de historiadores, conserva a ênfase no significado e no problema representados pela presença de mercenários lado a lado com cidadãos na disputa por magistraturas da pólis: “os habitantes de Siracusa, após a tirania, tendo feito cidadãos estrangeiros e mercenários, sofreram sedições e envolveram-se em conflitos” (καὶ Συρακούσιοι μετὰ τὰ τυραννικὰ τοὺς ξένους καὶ τοὺς μισθοφόρους πολίτας ποιησάμενοι ἐστασίασαν καὶ εἰς μάχην ἦλθον).

Nem sempre, porém, conflitos ou revoltas envolvendo mercenários acabavam bem para eles, por mais numerosos e qualificados que fossem. É o caso, por exemplo, dos mercenários gregos de Alexandre instalados na Bactria e na Sogdiana. Diodoro (17, 99, 5-6) narra inicialmente de modo sumário o levante que teriam desencadeado quando informados sobre a morte do rei:<sup>16</sup>

Durante muitos dias, enquanto o rei estava ocioso, porque em tratamento, os gregos que tinham sido estabelecidos em Bactria e Sogdiana, que durante muito tempo suportavam com dificuldade a permanência entre bárbaros, e a quem chegava a notícia de que o rei tinha morrido devido aos ferimentos, revoltaram-se contra os macedônios. Agrupam-se algo como três mil homens e passaram por grandes dificuldades no caminho de volta para casa, até que mais tarde foram massacrados pelos macedônios, após a morte de Alexandre.<sup>17</sup>

Mais do que a narração de uma deserção (ἀπέστησαν), o passo é indicativo das aspirações maiores desses mercenários e de quanto eram capazes de agir em conjunto, como numa rede de interesses. É significativa a menção ao fato de que “suportavam com dificuldade a permanência entre bárbaros” (τὸν ἐν τοῖς βαρβάροις κατοικισμὸν χαλεπῶς ἔφερον) como motivadora da iniciativa: após anos de serviço, a recompensa ideal seria retornar à Hélade e instalar-se junto aos seus.

## Considerações finais

Uma faceta que contribuiu em muito para o caráter complexo das muitas formas de atuação de mercenários na antiguidade, mas que nem sempre é devidamente considerada, diz respeito ao fato de que, precisamente porque eram indivíduos de um determinado local a serviço de outros de outro local, com outros interesses e modos

<sup>16</sup> Essa menção à ocorrência no livro 17 é uma prolepse do detalhamento da revolta narrada no livro seguinte (Diod. Sic., 18, 4, 8; 7, 1-9).

<sup>17</sup> ἐπὶ πολλὰς δὲ ἡμέρας τοῦ βασιλέως ἀσχοληθέντος περὶ τὴν θεραπείαν οἱ κατὰ τὴν Βακτριανὴν καὶ Σογδιανὴν κατοικισθέντες Ἕλληνες ἐκ πολλοῦ μὲν τὸν ἐν τοῖς βαρβάροις κατοικισμὸν χαλεπῶς ἔφερον, τότε δὲ φήμης προσπεσούσης αὐτοῖς ὅτι τρωθεὶς ὁ βασιλεὺς τετελεύτηκεν ἀπέστησαν ἀπὸ τῶν Μακεδόνων. ἄθροισθέντες δὲ εἰς τρισχιλίους, κατὰ τὴν εἰς οἶκον ἀνακομιδὴν πολλὰ πονήσαντες, ὕστερον ὑπὸ τῶν Μακεδόνων κατεκόπησαν μετὰ τὴν Ἀλεξάνδρου τελευτήν. Em outra passagem (Diod. Sic., 18, 7, 2) três mil é apenas o número dos cavaleiros. O total de infantas montava a vinte mil. Sobre o passo, cf. Trundle (2004, p. 67) e Bettalli (2013, p. 396-397).

de interação, mercenários eram antes de tudo migrantes, o que impactava diretamente, inclusive e sobretudo, os modos como forjavam e organizavam suas próprias redes: o ato em si de migrar, de deslocar-se por entre o vasto mundo grego dos períodos clássico e helenístico era a causa mesma das transformações que fomentaram. Migrar e formar redes e comunidades, para então migrar novamente, e assim num ciclo permanente, que fomentava diversos núcleos de atuação descentralizada, embora não raro coordenada, constituiu o fenômeno-regra, não a situação de exceção (essa, sim, formada pela constituição sedentária de pólis e impérios) na antiguidade.

Os passos examinados neste texto são suficientes para destacar ao menos duas consequências fundamentais associadas ao emprego de mercenários na antiguidade. Na maioria das vezes, se não mesmo em todas elas, quando mercenários alcançavam o *télos* de uma carreira de armas bem-sucedida e eram alocados em territórios estrangeiros, a manobra visava transformá-los em base de apoio de reserva, isto é, algo não como guarnição preventiva para futuras iniciativas como primeiro bastião de eventual resistência contra agressores externos; ou, por outras palavras, como ponto extremo de uma rede de apoio cujo centro era constituído por quem necessitava se manter em posição de poder. Mais imediatamente, porém, atribuir territórios a mercenários era o modo corrente de recompensá-los pela carreira, o que, porém, não era necessariamente garantia de permanência estável, como o exemplo dos mercenários de Alexandre instalados na Bactria e na Sogdiana deixam entrever.

Além disso, a consequência mais incisiva diz respeito ao perigo nem sempre meramente latente que a presença desses mercenários em uma comunidade acarretava, sobretudo quando motivados a agir de modo concertado e dispendo de ocasiões para tanto. O perigo se fazia tanto maior quanto mais tais mercenários conseguiram ascender na escala socioeconômica dessa comunidade, ou quanto mais conscientes estivessem da potência de suas atitudes se orientadas por uma rede de iniciativas bem organizada. Além dos acontecimentos de Siracusa em 485, os mercenários trácios que promoveram o massacre do Micaleso permanecem como advertência contra o perigo que o recrutamento e a manutenção de tais migrantes insatisfeitos podia representar para qualquer comunidade antiga; e aqueles que souberam instrumentalizar anseios difusos para benefício próprio, como Licomedes de Mantinéia, permitem entrever, junto ao fascínio e ao potencial de ascensão socioeconômica que tais redes representaram para muitos indivíduos, o *modus operandi* preferencial daqueles que, por isso mesmo, rapidamente se tornam ameaças diretas contra não somente as comunidades em que habitam.

## Referências

- BAYLISS, A. New Readings on a List of Mercenaries from Athens. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, v. 146, p. 85-90, 2004.
- BETTALLI, M. *Mercenari. Il mestiere delle armi nel mondo greco antico. Età arcaica e classica*. Roma: Carocci, 2013.
- DEL HOYO, T. N.; SÁNCHEZ, F. L. (ed.). *War, Warlords, and Interstate Relations in the Ancient Mediterranean*. Leiden: Brill, 2018.
- DOUGHERTY, C.; KURKE, L. (ed.). *The Cultures within Ancient Greek Culture: Contact, Conflict, Collaboration*. Cambridge: CUP, 2003.
- ENGLISH, S. *Mercenaries in the Classical World to the Death of Alexander*. Barnsley: Pen and Sword, 2012.
- GARLAND, R. *Wandering Greeks: The Ancient Greek Diaspora from the Age of Homer to the Death of Alexander the Great*. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- ISAYEV, E. Polybius's Global Moment and Human Mobility through Ancient Italy. In: PITTS, M.; VERSLUYS, M. J. (ed.). *Globalisation and the Roman World World: History, Connectivity and Material Culture*. Cambridge: CUP, 2015, p. 123-140.
- ISAYEV, E. *Migration, Mobility and Place in Ancient Italy*. Cambridge: CUP, 2017.
- LEÃO, D. F.; SEBASTIANI, B. B. (ed.). *Crises (Staseis) and Changes (Metabolai): Athenian Democracy in the Making*. Firenze: Firenze University Press, 2022.
- LURAGHI, N. Traders, pirates, warriors: the proto-history of Greek mercenary soldiers in the Eastern Mediterranean. *Phoenix*, v. 60, p. 21-47, 2006.
- ROLLINGER, R.; SCHNEGG, K. (ed.). *Kulturkontakte in Antiken Welten*. Leuven: Peeters, 2014.
- ROP, J. *Greek Military Service in the Ancient Near East, 401-330 BCE*. Cambridge: CUP, 2019.
- TAYLOR, C.; VLASSOPOULOS, K. (ed.). *Communities and Networks in the Ancient Greek World*. Oxford: OUP, 2015.
- TRUNDLE, M. *Greek Mercenaries: From the Late Archaic Period to Alexander*. London: Routledge, 2004.